

José Tolentino Mendonça

O ESTADO DO BOSQUE

ASSÍRIO & ALVIM

Cinco personagens: 3 homens e 2 mulheres. John Wolf, o guia da floresta; 2 caminhantes: Peter Weil (meia idade) e Jacob (mais novo). E duas mulheres: a jovem Viviane Mars e o Destino.

Este texto foi escrito no âmbito de um projecto do Teatro Oficina, de Guimarães.

Cena I
[O diálogo da orla]

PETER

Qual é o sentido do trilho?

JOHN WOLF

Não sei. Cada trilho conduz a mais do que um sentido.

PETER

E quanto tempo durará a travessia?

JOHN WOLF

Não sei. Tens de te perguntar primeiro quanto tempo levaste a chegar aqui.

PETER

Que queres que te diga? De repente dei comigo voltado para a entrada do bosque à espera de respostas.

JOHN WOLF

De que bosque falas?

PETER

Não deste. Não sabia sequer que ele existia. Um homem pode chegar a sítios tão improváveis!

JOHN WOLF

Então havia um bosque...

PETER

Bosque é uma maneira de falar. Era um grupeto de árvores, um conjunto denso de Pinheiros-de-Alep, Cedros ou perto disso, verdejante mesmo nos verões secos. Sei situar esse matagal muito bem, na descida por onde corre a Avenida 8. Sei muito bem...Meteu-se-me na cabeça que podia ser uma porta, uma espécie de porta, sei lá...

JOHN WOLF

E talvez fosse...

PETER

Estás a brincar? Cada vez mais se apoderava de mim, mas nada daquilo era meu. (*Andando às voltas, à roda dele, de modo compulsivo*). Tenho apenas que recordar-me de tudo.

JOHN WOLF

Vieste donde?

PETER

Eu só pensava: ainda vou a tempo, amanhã é demasiado tarde. Agora vou a tempo, amanhã é demasiado tarde... De tudo aquilo, o que era realmente meu, meu, meu?

JOHN WOLF

Pára... Somos uma terra que não pode girar sempre.

PETER

Que dizes?

JOHN WOLF

Ora somos pedra, ora estrela.

PETER

Não entendo o que estás a dizer. Mas nem eu consigo dizer coisa que se entenda. Agora vou a tempo, amanhã é demasiado tarde... De tudo trago apenas isto: sensações... traços... uma linha confusa... cinza por identificar... Nada que recomende um homem decente.

JOHN WOLF

Nós não pensamos, mas o pó tem o seu peso.

PETER

Sabes... quando estamos no lago a pescar... ou entretidos no canal com a tua mulher e as crianças... está um tempo esplêndido... E assim... sem tu queres, sem fazeres por isso dás conta de um movimento que te inquieta: assim do nada, um balanço do barco, só um, ou uma sombra que corta rápida a superfície sem mais, ou um estalido ao longe, como que a milhares de quilómetros e tu não consegues distinguir bem, a não ser pela angústia que cai sobre ti. O sol brilha... os teus filhos dão guinchos de alegria porque, com os remos, os salpicam de água... a tua mulher está reclinada na proa, a luz da tarde bate-lhe na cara e ela tem os olhos fechados e sorri... mas tu já não és o mesmo.

JOHN WOLF

Estás, portanto, a dizer que há sinais.

PETER

Nem sei.

JOHN WOLF

Mas continuamos a murmurar diante do que se cala.

PETER

A nossa vida torna-se tão estranha, sem que ninguém sequer o suspeite. Vezes sem conta pensei nisto. Cada dia prolongava mais um pouco a cerveja que bebia no Bar do Brendel. Antes de regressar a casa, entrava sempre no bar. Fazia isso há que anos. E era uma coisa rápida. O tempo de uma cerveja. Mas agora demorava-me. Primeiro uns minutos, depois tornou-se deliberado, mesmo sem parecer. Até que a Ann passou a chamar-me a atenção, onde é que eu andava, com quem, o que é que eu fazia... ela queria saber...

JOHN WOLF

Somos bandos errantes, que ora vão, ora voltam.

PETER

Eu era o gerente da firma do Dr. Severs, no centro da cidade. Um stand de carros de prestígio... mercadoria de luxo... marcas britânicas e alemãs. Recebia os clientes... O Dr. Severs depositava confiança em mim, e que confiança! Foram vinte anos de colaboração, vinte anos, não foram um dia nem dois. O Dr. Severs disse-o mais de uma vez: «o Peter Weil é o meu número 1»... Era esse o meu lugar na firma... Recebia eu os clientes. Farejava-lhes os gostos, as vaidades, os medos, a ambição... Era automáti-

co... Olhava para a frota e sabia exactamente qual o carro que se ajustava. Sabia descrevê-lo com as palavras certas, e nem percebo onde as ia buscar... «O Peter Weil é o meu número 1». Convidava os clientes indecisos para conduzi-rem eles o carro, desde o stand até à baía que fica a oeste... vi gente de uma timidez colossal entrar em acelerações incríveis... chegar aos cem em sete ou oito segundos! Estás a perceber?... Como é que era isto possível?!

JOHN WOLF

Não me admira.

PETER

«O Peter Weil é o meu número 1...». Depois acordas uma manhã e, sem explicação, dás por ti prostrado. A capacidade de abraçar o que te pertence — filhos, posição, a casa cheia de objectos — foi-te roubada. Tudo o que de longe te acompanhava torna-se agora selvagem nas tuas mãos, como se regressasse a um misterioso estádio anterior. Assistes a isso e perguntas: o que é que aconteceu, onde é que tudo terminou?

JOHN WOLF

Mas a vida tem continuado.

PETER

Tem?

JOHN WOLF

Vieste em busca do bosque.

PETER

Ou veio a selva escura dominar de vez a minha vida. Ramos e matagal por todo o lado. Os gregos é que tinham razão. Os gregos sabiam bem... a figura de Dafne, com Apolo por trás, assistindo impotente à sua transformação em árvore.

JOHN WOLF

Importa é que saibas o que significa estar metido num caminho da floresta.

PETER

Um dia acordamos e não tens mãos. São galhos, pinças desajeitadas cheias de folhas... Os braços pesam-te como ramos e tu não sabes mais... E quando te olhas ao espelho investe contra ti uma mata confusa.

JOHN WOLF

É porque entraste num território de fronteira.